



# Folhas Vivas

Ano XIII, Nº74 Dezembro 2023

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

---

**BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DE ALUNOS DA UNIVERSIDADE  
SÊNIOR DE VILA FRANCA DE XIRA - Constituída em 14 de Maio de 2007**

---

## OS INVERNOS DA MINHA LEMBRANÇA

É verdade que o inverno só começa a vinte e dois de dezembro e vai até março do ano seguinte, porém, para nós no Hemisfério Norte falamos dele, inverno, a partir do momento em que as chuvas, frio e até neve começam a aparecer um pouco mas, já chamamos ao tempo por esse nome.

Ao falar do inverno vem-me à lembrança, ou memória como queiram, aqueles invernos muito chuvosos, muito frios e muita neve. Isto passava-se numa aldeia de montanha situada na encosta da Serra da Estrela, Concelho da Guarda onde acerca de cinquenta e seis anos se passavam meses inteiros a chover, semanas inteiras a nevar, cuja neve demorava meses a derreter e depois davam origem a grandes enchentes primeiro nos ribeiros e depois nos rios Mondego e Zêzere o que até dava jeito para que os moinhos movidos a água moessem o respetivo centeio para todo o ano às gentes mais abastadas.

Faz agora cinquenta e três anos em dezembro no dia do meu casamento com a minha Rosinha caiu um nevão tão grande de neve que os carros só passada uma semana é que começaram a circular. Eu que já estava em Lisboa a trabalhar tive que fazer a pé o caminho desde a minha aldeia, Videmonte, que dista dezoito quilómetros até à Guarda Gare porque tinha de me apresentar ao serviço e depois nem comunicações havia para que eu pudesse justificar a minha falta.

O mês de Natal era dos mais chuvosos senão o mais e a nevar também, sendo que os trabalhadores que andavam à jorna passavam de boca em boca, *este ano não se ganha para o azeite das filhós*, e depois a lenha não se podia ir buscar porque havia água por todos os lados.

Eram tempos difíceis não só porque eram invernos rigorosos, como se dizia na altura, mas também porque as casas na aldeia não tinham as condições de habitação que hoje em dia têm.

Era no inverno que se faziam as matações visto que o tempo era frio e protegia mais a carne do porco porque depois de morto era pendurado com um chamberil para que secasse e ser salgado depois guardado no masseirão, arca feita da madeira de castanho.

Apesar das dificuldades da vida tenho saudades da lareira, da luz da candeia, dos magustos com caruma nos pinhais, do Toque das Trindades, as brincadeiras com a neve, enfim é um nunca mais acabar.

Ainda fica muito para dizer, mas não vão faltar oportunidades.

Gilberto de Paiva, 2023

### Natal da minha infância

Dezembro, mês de Natal, no Alentejo de onde sou natural, passei os mais memoráveis natais, natais simples como era a vida na altura.

Da casa onde vivia com os meus pais, irmãos e avós maternos, recordo cada detalhe de momentos que guardo para todo o sempre no meu coração.

Na noite de Natal, as crianças como eu, criavam uma certa expectativa, alguma esperança de que, na manhã seguinte poderiam receber algum presente. Não se fazia árvore de Natal, também não havia nenhum Pai Natal, o jantar não era de gala e a mesa não era farta, mas havia muito amor, muito afecto. Na lareira o madeiro ardia, e eu gostava de ouvir o crepitar da lenha a queimar, fazia um confortável calorzinho para aquecer o meu corpo franzino. Lá fora, sentia-se o silêncio da noite, o ladrar dos cães e às vezes a chuva a cair dos beirais.

Ao redor da lareira, os mais velhos de cabelo branqueado pelos anos, contavam histórias aos mais pequenos que as ouviam com muita atenção, não havia televisão e, de vez em quando, um dos adultos, ia até ao quintal subia o telhado e mandava pela chaminé (por forma a não caírem em cima do lume) uns rebuçados que caíam na pedra da lareira, era um contentamento, uma alegria tal que agitava o serão, diziam que o menino Jesus estava a chegar.

Era chegada a hora de jantar para depois a família ir á missa do galo. O jantar, esse, era como nos outros dias, uma açorda, umas azeitonas, uma chouriça assada, ainda assim, era uma refeição animada com todos á mesa. A noite já lá longa e chegava a hora de ir á missa do galo, perto da meia-noite, mas antes a mãe dizia: “deixem o sapatinho na chaminé”, e nós crianças corríamos a colocar um sapatinho, ainda que rôto.

Vestia-se a melhor roupinha e os sapatos menos gastos, e a família seguia até à igreja da vila, atravessando as ruelas com candeeiros de luz fraca, com um frio de rachar, a chuva e alguma neblina que caracterizava aquela noite, tornava as ruas sinistras, e lá íamos todos assistir à missa do galo. Os sinos da igreja tocavam, anunciavam o nascimento de Jesus, que trazia a paz na terra às pessoas de boa vontade, a igreja estava cheia e a missa acontecia.

Em frente à igreja da vila, na praça central era feita uma fogueira enorme nessa noite com muita lenha, ardia até ao fim do mês de Natal, era ali que muitos dos pobres se aqueciam.

...Continuação

Após terminar a missa do galo, lá se regressava a casa, pelas mesmas ruelas frias, escuras e húmidas, em casa, lá estava a lareira acesa, e o avô punha mais lenha para aquecer o ambiente da casa. Sentados à chaminé que tinha por cima uma cortina esticada com elástico de um tecido com cornucópias feita pela minha avó, e dos lados estavam aquelas velhas cadeiras de madeira feitas pelo meu avô com o assento feito de buinho. Aquecíamos ali um pouco, a avó, mulher de grandes afetos e muito amor, com carinho apertava-me contra ela, passava-me a mão pelo cabelo e dizia “a avó vai fazer chocolate quente e fatias douradas, queres?” ... Era tão bom, tão saboroso .... A avó Maria, (era assim que se chamava), lá trazia a chocolateira de barro com água, meia quarta de chocolate, um pouco de açúcar amarelo e colocava ao lume na lareira, entretanto fazia a fatias douradas, esta era a nossa ceia.... Claro que depois deste pequeno repasto era hora de ir à deita. Deitar naquela cama onde dormia com a minha irmã mais velha, entrar naqueles lençóis brancos como neve mas que pareciam vidro de tão frios que estavam, agarradinhas uma à outra e com uma botija de água quente aos pés, adormecíamos a pensar no amanhecer e na expectativa de ter um presente no sapatinho.

Chegava a manhã saía da cama, descalça por aquele chão frio ia em direção á chaminé, e lá estava qualquer coisa, que alegria, (e a mãe à espreita).

Quando cheguei perto do meu sapatinho, ao lado estava uma boneca e um cartucho de papel pardo com bombons de prata colorida e uma tablete de chocolate fininha com recheio....Fiquei tão contente, nem sei explicar...era uma boneca de cartão, mas era a minha boneca. Acho que nem precisava de comer, só queria brincar com a minha nova boneca, mas eu achava que a boneca também tinha que se lavar, e então resolvi dar-lhe banho na bacia onde se lavavam as mãos.... E aí ... A magia acabou .... A minha boneca desfez-se, era de cartão, coitada...como tudo é tão efémero, até a boneca!

Mas valeu durante o pouco tempo que disfrutei de um presente tão aguardado.

Os anos foram passando, os tempos mudando e o meu Natal também.

Estas são memórias que merecem e devem ser preservadas para meu deleite e das gerações vindouras.

Afinal o Natal, é quando, e como uma criança quiser...

Noémia Casimiro,2023



### Memórias da minha janela

Da minha casa tenho uma vista privilegiada sobre o Rio Tejo, que vai até à 'outra Banda' e inclui quase todo o Mouchão. Mas o postal já foi mais bonito, quando o Mouchão era uma linda Ilha a meio do rio e um grande campo de exploração agrícola. De qualquer das minhas janelas podia observar os trabalhos do campo que por lá decorriam, desde o amanho das terras para as sementeiras e plantações até às colheitas. Depois tudo isso começou a mudar. Trabalhos e trabalhadores desapareceram e a Mouchão ficou uma simples ilha verde, ainda bonita à distância da minha janela...

Mas agora o Mouchão está a morrer vítima de um pequeno rombo num dique (14 metros, dizem) ocorrido em 2016. Vítima também da burocracia e de más e tardias decisões de quem de direito.

Agora vejo apenas um fino rebordo verde, onde o rombo inicial de 14 metros ao longo dos anos foi alargando e já atinge várias centenas de metros, por onde a água entra e sai livremente. Na maré cheia vejo um espelho de água de onde sobressaem os últimos ramos secos do esqueleto de algumas árvores semisubmersas na água salgada que inunda o Mouchão. À medida que a maré vai esvaziando fica apenas uma grande mancha castanha de lama, circundada pelo dito fino rebordo de vegetação verde que ainda subsiste. E uma grande tristeza!

Lúcia Amorim, 2023



## Folhas Vivas

### Corpo editorial

Director:

• Carlos Reis  
Corpo redactorial e coordenador:

- Emílio Duarte
- António Ramalho

**Colaboração neste número**

**Gilberto de Paiva,  
Noémia Casimiro e  
Lúcia Amorim**

- 0 -

Para críticas, sugestões e colaboração, contactar:



**Telefone:** 21 953 30 50

Palácio da Quinta Municipal da Piedade

2625-201

PÓVOA DE SANTA IRIA

**E-mail:**

aausvfxira@sapo.pt

**Site:**

**Www.aausvfxira.pt**

### AGENDA

**Dia 7/12 - 19º Aniversário da Universidade Sénior**

**Dia 12/12 - Almoço de Natal da AAUS - Palácio do Sobralinho**

**Dia 15/12 - Festa de Natal, com Lanche partilhado, na SFRA - Alverca do Ribatejo**